bal definido pelas relações sociais existentes no espaço social estruturado.

Manuela Menezes

MAPES, Roy — *Mathematics and Sociology* — B. T. Batsford, Londres, 1971, 77 pp.

Um prefácio e cinco partes, abrangendo setenta páginas úteis, integram este livro que pretende cumprir o objectivo de inventariação de alguns ramos da matemática, com provas dadas na análise sociológica.

Que matemática?

Algumas noções elementares sobre teoria dos conjuntos recobrem a secção inaugural do volume, constituindo a álgebra das matrizes o segundo momento do trajecto que, apressadamente, Roy MAPES pretende seguir. Alguns dos conceitos que aqui surgem são reutilizados subsequentemente, quando se expõem as teorias das cadeias de Markov e dos grafos. Nas páginas terminais, fornecem-se os elementos que, não só se consideram prioritários para uma compreensão do cálculo diferencial e integral, como se presumem inspiradores do que Roy MAPES designa por sociologia dinâmica, insusceptível já de formalização com recurso à álgebra matricial.

Certas ausências se anunciam e são assumidas no prefácio: topologia, teoria das probabilidades, estatística indutiva. Razão: «Since the aim has been to produce a text which is truly introductory, some mathematical areas of promise for sociology have been omitted».

Que sociologia?

As referências aos sectores da sociologia onde os conceitos matemáticos explanados podem, com proveito, utilizar-se são fugazes e quase nunca convincentes. Assim, por forma tão só indicativa, a sociologia das organizações é equivocamente contrapontuada com as teorias dos conjuntos e dos grafos, a sociometria com matrizes e cadeias de Markov, a sociologia dinâmica com cálculo infinitesimal.

Fica por provar o que mais importava num texto declaradamente introdutório ao tema que o seu título regista: a capacidade de reinvenção que, também na investigação sociológica, uma teoria pode conferir a um conjunto, por si só inexpressivo, de técnicas. Se uma investigação concreta exige que a estas técnicas se recorra, não bastará contudo justapô-las a fragmentos espúrios de um corpo teórico cujos contornos apenas se vislumbram, para que, do processo de produção que essa investigação constitui, resultem efectivamente produtos de conhecimento.

E, porque a conjunção copulativa que o livro acolhe no seu título o responsabiliza, sentir-nos-íamos autorizados a considerá-lo inconsequente, caso alguma vez um livro o tivesse sido.

José Madureira Pinto

NAVILLE, Pierre — *Bureaucratie et révolution (Le Nouveau Léviathan, 5)* — Paris, Editions Anthropos, 1972, 390 pp.

O relevo adquirido pela burocracia, enquanto forma de organização, nas sociedades industrializadas, preocupa, há muito tempo, grande parte dos que se dedicam às ciências sociais ou delas esperam uma resposta adequada aos fenómenos de «disfunção» que necessàriamente a acompanham.

Pierre NAVILLE, com a publicação do livro *Bureaucratie et révolution,* que constitui o 5.º volume da sua notável obra *Le Nouveau Léviathan,* insere-se, portanto, num espaço de preocupações que, não sendo novas, não deixam de ser profundamente actuais. Seguindo, aliás, na direcção apontada por MARX, para quem a crítica da burocracia não é senão a crítica do Estado e das relações impostas por ele, NAVILLE faz uma análise profunda do socialismo de Estado vigente na U.R.S.S, examinando pormenorizadamente as conexões existentes entre as instituições políticas e as estruturas socio-económicas, e concluindo que se trata duma nova burocracia de Estado e, por conseguinte, duma nova forma de exploração dos trabalhadores, em benefício duma nova camada social que, por intermédio do Estado, mantém e aumenta os seus privilégios. Ao mesmo tempo, tenta detectar «as condições gerais nas quais o socialismo burocrático de Estado se torna e já é arena de movimentos e de tendências revolucionárias características».